

## EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

### RURAL EDUCATION AND AGROECOLOGY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Marcos Fernandes Silva<sup>1</sup>  
 Mariel José Pimentel de Andrade<sup>2</sup>  
 José Nunes da Silva<sup>3</sup>  
 Carlos Allan Pereira dos Santos<sup>4</sup>  
 Anderson Fernandes de Alencar<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente estudo teve como objetivo identificar práticas agroecológicas na perspectiva da Educação do Campo no espaço escolar, considerando a valorização da sustentabilidade agrícola e dos conhecimentos tradicionais dos estudantes camponeses. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Maurício Gumes, localizada no distrito de Maniaçu, Caetité, Bahia. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo de caso, de abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro profissionais da educação, sendo duas professoras e duas coordenadoras pedagógicas, selecionadas intencionalmente em função do envolvimento nas ações investigadas. Os resultados evidenciaram que as práticas agroecológicas, ainda em fase inicial, têm favorecido o envolvimento das crianças, a aproximação entre conhecimentos científicos e saberes comunitários, a interdisciplinaridade e a valorização das experiências relacionadas à agricultura, à alimentação e ao território. Identificaram-se, entretanto, desafios relacionados à disponibilidade de recursos financeiros, formação profissional, planejamento, continuidade das ações e participação coletiva. Conclui-se que a inserção da Agroecologia no contexto escolar apresenta potencial para fortalecer os princípios da Educação do Campo, aproximar escola e comunidade e promover processos educativos contextualizados, participativos e vinculados à realidade sociocultural dos estudantes.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Educação do Campo. Saberes tradicionais.

<sup>1</sup> Doutorando em agroecologia e desenvolvimento territorial, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

<sup>2</sup> Doutor em Tecnologias Educacionais, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE.

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia/UFPE. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

<sup>4</sup> Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Centro Universitário Ages.

<sup>5</sup> Doutor em Educação, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

**ABSTRACT:** This study aimed to identify agroecological practices from the perspective of Rural Education within the school environment, considering the appreciation of agricultural sustainability and the traditional knowledge of rural students. The research was conducted at Maurício Gumes Municipal School, located in the district of Maniaçu, Caetité, Bahia, Brazil. Methodologically, the research was characterized as a qualitative case study using semi-structured interviews with four education professionals—two teachers and two pedagogical coordinators—intentionally selected based on their involvement in the activities investigated. The results showed that agroecological practices, although still at an early stage, have fostered children's engagement, the integration of scientific knowledge and community-based knowledge, interdisciplinarity, and the appreciation of experiences related to agriculture, food, and territory. However, challenges were identified regarding the availability of financial resources, professional training, planning, continuity of activities, and collective participation. It is concluded that incorporating Agroecology into the school context has the potential to strengthen the principles of Rural Education, foster closer relationships between schools and communities, and promote contextualized and participatory educational processes connected to students' sociocultural realities.

**Keywords:** Agroecology. Rural Education. Traditional Knowledge.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência que parte da realidade vivida por estudantes da Escola Municipal Maurício Gumes, distrito de Maniaçu Caetité Bahia, em atividades pedagógicas que estão sendo desenvolvidas na perspectiva agroecológica. As abordagens pedagógicas em busca da integração de princípios agroecológicos partem de práticas agrícolas sustentáveis, em busca de promover a produção de alimentos saudáveis e a conservação dos bens naturais. De acordo com a Constituição Federal 1988 no art. 225, inciso VI), a Educação Ambiental deverá promover a conscientização pública para preservação do Meio Ambiente em todos os níveis de ensino.

A partir das propostas pedagógicas trazidas para o âmbito escolar, tem-se como objetivo geral identificar práticas agroecológicas na perspectiva da Educação do Campo no espaço escolar, valorizando durante o processo de ensino a sustentabilidade agrícola e os conhecimentos tradicionais dos/as estudantes camponês/as. Como objetivos específicos pretende-se despertar o interesse das crianças pelo cuidado com natureza, desenvolver o cultivo de hortaliças saudável e incentivar a adoção de práticas sustentáveis, estimular a reflexão crítica sobre os sistemas alimentares atuais, ressaltando a importância da agricultura local e sustentável na garantia da segurança alimentar e na redução das desigualdades sociais.

Diante dos objetivos propostos, pretende-se responder ao seguinte questionamento: quais os principais desafios enfrentados pela Escola Municipal Mauricio Gumes para o desenvolvimento das ações agroecológicas no espaço escolar?

O processo de ensino e aprendizagem exige práticas pedagógicas voltadas para a formação integral dos sujeitos, de forma que as suas ações sociais possam alcançar a consciência plural. Para Barreto (2006, p.75), a questão ambiental vem sendo considerada cada vez mais urgente e importante para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida com a natureza e o uso adequado dos seus “recursos naturais” disponíveis.

Desta forma, a escola pode ser vista como um espaço ideal para validar o processo de conscientização ambiental dos sujeitos, mudando as atitudes quanto à produção de alimentos saudáveis, respeitos às diversidades culturais e a busca pelo consumo equilibrado. Nessa perspectiva, é pertinente atentar-se ao que Silva e Bezerra (2016) apontam sobre a temática ambiental como uma necessidade de ser discutida em uma tríade, através de ações governamentais, das entidades privadas e da sociedade civil que busquem considerar a qualidade de vida das pessoas mais pobres, intensificando a conscientização do consumo e a redução das diferenças sociais.

A agroecologia nos anos iniciais tornou-se uma ciência extremamente relevante para que haja a incorporação de princípios e práticas conscientes no processo educacional de crianças. Uma vez que esta busca dialogar com a sustentabilidade ecológica, para identificar práticas agrícolas justas, saudáveis e economicamente viáveis. Com isso, Carniatto et al. (2018) destacam que é fundamental adotar uma postura interdisciplinar que considere os diferentes atores sociais ao longo de todo o processo, desde a discussão conceitual inicial até a definição e a execução das ações. Nesse cenário, a educação ambiental se torna especialmente relevante por preparar as comunidades para o diálogo e para a participação, aspectos centrais para o êxito das iniciativas e, conseqüentemente, para a sustentabilidade do território e o desenvolvimento.

A Agroecologia nos anos iniciais da educação básica em escolas situadas no Campo, pode ser iniciada através da conscientização ambiental, buscando a conexão com a natureza e proporcionando práticas simples como o cultivo de hortaliças e plantio de árvores frutíferas. Segundo Caldart (2017) a massificação da agricultura camponesa agroecológica precisa ser uma tarefa desenvolvidas pelas escolas do campo como iniciativas da Educação do Campo, de forma inadiável para ampliar o sentido da existência do processo educativo no meio rural e da própria

escola do campo, justamente por ser necessária a validação dessa política pública para os sujeitos deste lugar.

A modalidade de Educação do Campo denominada por Caldart (2012), como uma conquista dos/as camponeses/as, alcançada a partir das lutas por representatividade, uma luta que buscar a garantia dos direitos negados por anos.

Caldart (2012) afirma que essas características ajudam a definir o que é — ou pode vir a ser — a Educação do Campo como uma prática social que não se explica por si só, nem apenas a partir das questões educacionais, pois evidencia e confronta as contradições sociais que a originam. A autora também aponta que esses mesmos elementos podem configurá-la como uma categoria de análise, útil tanto para interpretar práticas por ela inspiradas quanto outras iniciativas que não se reconhecem com esse nome e nem dialogam diretamente com essa experiência concreta. Nesse sentido, a articulação entre campo, educação e política pública funciona como uma tríade orientadora para formular questões relevantes sobre a realidade educacional da população trabalhadora do campo, onde quer que ela esteja.

Diante ao exposto, a Educação do Campo consiste na construção da formação cidadã dos sujeitos para além do contexto escolar, de forma que haja a integração dos aspectos sociais, políticos, culturais e ambientais. Diante disso, percebe-se que há uma relação harmônica com os princípios agroecológicos, pois ambos desconstruem o viés capitalista do mercado e discute a valorização dos saberes comunitários e da preservação de culturas.

4

Segundo Marinho (2016), os cursos de Agroecologia, na perspectiva da Educação do Campo promovem reflexões coletivas sobre as abordagens do ensino tecnicista nas escolas, principalmente nas Ciências Agrárias, de forma que isso possa fazer mudanças em currículos e instiguem as mudanças nas estruturas gerais das instituições de ensino, fazendo com que os campi de Institutos Federais tenham suas ações pedagógicas voltadas às práticas de ensino da Agroecologia e Educação do Campo.

Contudo, a relação da Educação do Campo com a Agroecologia pode representar a construção de uma coletividade mais equânime, uma vez que a escola aproxima da comunidade e apresenta caminhos para o desenvolvimento social consciente, tendo os bens naturais não como recursos para servir a humanidade, mas que seja mantido o equilíbrio, sem a destruição da natureza.

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo é identificar práticas agroecológicas na perspectiva da Educação do Campo no espaço escolar.

## MÉTODOS

Neste estudo, serão destacadas as iniciativas desenvolvidas pela equipe gestora, pela coordenação pedagógica e pelas professoras em ações voltadas à integração das crianças e de seus familiares no processo de ensino e aprendizagem, de modo a favorecer a incorporação da Agroecologia à educação dos/as estudantes. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Maurício Gumes, instituição que atende 417 estudantes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Segundo dados coletados no site QEDu (2023), a escola obteve nota 4,1 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2019. Em 2021, em decorrência do período pandêmico, o número de estudantes que compareceram para realizar a avaliação foi insuficiente para possibilitar a mensuração da proficiência.

A instituição de ensino está localizada em uma área campesina do distrito de Maniaçu, município de Caetité, Bahia, e atende, em sua maioria, crianças filhas de pequenos/as agricultores/as. Nesse contexto, a agricultura constitui uma atividade de significativa importância para a comunidade. Diante dessa realidade, considera-se relevante aprofundar os conhecimentos relacionados às práticas agrícolas sustentáveis e à conservação do meio ambiente.

A investigação foi desenvolvida como um Estudo de Caso, compreendido, a partir de Goode e Hatt (1979), como um método de observação da realidade social que não se caracteriza como uma técnica específica, mas como uma forma de organização dos dados sociais capaz de preservar o caráter unitário do objeto investigado. A pesquisa teve como propósito conhecer as primeiras ações relacionadas ao campo agroecológico desenvolvidas em uma escola que ainda não se caracteriza como Escola do Campo, mas que vem dando os primeiros passos em direção a essa concretização.

Quanto ao delineamento metodológico, adotou-se uma abordagem qualitativa, com o propósito de fortalecer as ações que vêm sendo promovidas na instituição de ensino, valorizando e evidenciando as práticas agroecológicas. De acordo com Brandão (2001), a pesquisa qualitativa volta-se para os significados que as pessoas atribuem às suas experiências no mundo social e para a maneira como compreendem essa realidade. Nessa abordagem, busca-se interpretar

fenômenos sociais, como interações e comportamentos, a partir dos sentidos construídos pelos próprios sujeitos, razão pela qual é frequentemente caracterizada como uma pesquisa de natureza interpretativa.

Para a produção dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, realizada com quatro profissionais da educação, selecionadas entre um grupo composto por vinte e quatro pessoas. A seleção das participantes ocorreu de forma intencional, considerando como critério o maior envolvimento e engajamento nas atividades pedagógicas desenvolvidas com as crianças, especialmente naquelas que possibilitavam a articulação entre teoria e prática e apresentavam aproximação com as temáticas investigadas neste estudo. A proposta de participação na investigação foi apresentada a todo o grupo e, a partir dos critérios estabelecidos, participaram da pesquisa as professoras identificadas pelas iniciais JÁ e IB e as coordenadoras EF e AZ, que manifestaram interesse e disponibilidade para contribuir com o estudo.

As entrevistas foram realizadas durante o primeiro semestre de 2024, em momentos distintos, no decorrer das Atividades Complementares (ACs). A escolha dessas profissionais buscou possibilitar a obtenção de informações provenientes de sujeitos diretamente envolvidos nas ações pedagógicas analisadas, considerando suas experiências e sua participação nas atividades desenvolvidas no contexto escolar. Conforme Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada caracteriza-se pela utilização de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses relacionadas ao tema investigado.

No que se refere aos aspectos éticos da pesquisa, estes foram considerados durante o desenvolvimento da investigação, inclusive no tratamento das informações documentais relacionadas às propostas pedagógicas desenvolvidas no âmbito escolar, bem como na preservação da identidade das participantes, identificadas no estudo por meio de iniciais.

A investigação teve como objetivo geral identificar práticas agroecológicas na perspectiva da Educação do Campo no espaço escolar, valorizando, durante o processo de ensino, a sustentabilidade agrícola e os conhecimentos tradicionais dos/as estudantes camponeses/as. Como objetivos específicos, buscou-se despertar o interesse das crianças pelo cuidado com a natureza; desenvolver o cultivo de hortaliças saudáveis e incentivar a adoção de práticas sustentáveis; estimular a reflexão crítica sobre os sistemas alimentares atuais; e ressaltar a importância da agricultura local e sustentável para a garantia da segurança alimentar e a redução das desigualdades sociais.

## RESULTADOS

Os dados apresentados nesta seção são resultados das entrevistas realizadas com as professoras IB e JA e com as coordenadoras AZ e EF, desenvolvidas na Escola Municipal Maurício Gumes, localizada no distrito de Maniaçu, município de Caetité, Bahia. As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, elaborado com o objetivo de compreender como as participantes percebem e desenvolvem as práticas agroecológicas no contexto escolar.

Ao longo deste tópico, as devolutivas são apresentadas e discutidas conforme a organização das questões que orientaram as entrevistas. Inicialmente, a coordenadora EF fez um relato sobre as ações que vêm sendo desenvolvidas pela escola, destacando os avanços alcançados, os desafios enfrentados e os passos que a instituição tem buscado dar para fortalecer a proposta agroecológica. Conforme a Coordenadora EF:

Inicialmente escrevemos o projeto e estamos buscando parcerias, no entanto, o financiamento para execução do projeto se apresenta como um dos principais desafios, devido o valor dos recursos de algumas atividades que buscamos desenvolver, além do suporte de um pessoal de apoio para realização das atividades e cuidados com o espaço agroecológico. Assim, intensificar o apoio da comunidade, dar visibilidade ao projeto e fortalecer a parceria com empresas e com os órgãos municipais são caminhos para possibilitar cada vez mais ações com bons resultados na instituição escolar.  
(Coordenadora EF)

7

As dificuldades apontadas pelas coordenadoras e professoras evidenciam que a consolidação das práticas agroecológicas, assim como a consolidação da Unidade como Escola do Campo de fato, depende de condições materiais, do engajamento coletivo e do fortalecimento das parcerias entre escola, comunidade e poder público a Agroecologia no contexto escolar requer não apenas o compromisso dos educadores, mas também políticas de apoio, recursos financeiros e a participação ativa da comunidade na construção do projeto educativo. Nessa perspectiva, Molina e Sá (2012, p. 330) defendem que a escola do campo deve "cultivar formas e estratégias de trabalho que sejam capazes de reunir a comunidade em torno da escola para seu interior, enxergando nela uma aliada para enfrentar seus problemas e construir soluções", além de promover práticas coletivas e integrar teoria e prática nos processos formativos. Assim, os desafios relatados pelas participantes.

As participantes foram questionadas, quanto ao posicionamento político no que se refere a modalidade de Educação do Campo na perspectiva agroecológica. Diante do que foi

apresentado por ela, percebe-se um engajamento para o fortalecimento dessa proposta. A pesquisa quis saber também, sobre os desafios enfrentados para desenvolver as práticas agroecológicas na escola pesquisada. Segundo a professora IB, “desenvolver práticas agroecológicas na escola pode trazer inúmeros benefícios, tanto para os estudantes, quanto para o meio ambiente. No entanto, também pode apresentar alguns desafios como a falta de recursos financeiros e mobilização de toda a equipe para concretizar a ideia”.

A fala da docente evidencia que a consolidação da Agroecologia no espaço escolar depende de condições institucionais e do compromisso coletivo dos sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, Caldart (2012, p. 259) afirma que

A educação do campo nomeia um fenômeno de realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política da educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Os objetivos e sujeitos a remeterem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao debate (de classes) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana.

Sobre a análise de Caldart compreende-se que a Educação do Campo ultrapassa a dimensão escolar, constituindo-se como um projeto político vinculado às lutas históricas dos sujeitos camponeses pela garantia de direitos e valorização da sua cultura. Nessa perspectiva, a Agroecologia deixa de ser compreendida apenas como um conjunto de técnicas agrícolas e passa a assumir um caráter educativo, social e político, orientando práticas que fortalecem a identidade camponesa e promovem a construção de conhecimentos contextualizados.

A professora IB, apresenta reflexões pertinentes sobre o olhar educacional em diálogo com a concepção Agroecológica no intuito de desenvolver a concretização a partir deste trabalho, destaca-se que:

Para superar esse desafio, é possível buscar parcerias com instituições locais, empresas ou organizações não-governamentais que possam apoiar financeiramente o projeto, desde o conhecimento técnico [...] envolvimento da comunidade [...] engajamento dos estudantes. As práticas agroecológicas funcionam melhor quando há um envolvimento ativo da comunidade escolar e local. No entanto, pode ser um desafio engajar os estudantes, pais, professores e a comunidade em geral. É importante realizar atividades de sensibilização e conscientização para mostrar os benefícios da agroecologia e incentivar a participação de todos. Manutenção e continuidade: Às práticas agroecológicas exigem cuidado contínuo e manutenção para obter resultados duradouros. Pode ser um desafio manter o projeto a longo prazo, especialmente quando há mudanças no corpo docente ou na direção da escola. Estabelecer planos de manutenção e envolver os estudantes ativamente na gestão do projeto pode ajudar a garantir sua continuidade. (Professora IB).

Percebe-se que os apontamentos trazidos pela docente, reafirma pontos significativos sobre a necessidade do envolvimento da comunidade, nota-se que a instituição de ensino sozinha, ainda trabalha de forma muito limitada, além de faltar recursos financeiros, e de formação específica para o desenvolvimento de práticas agroecológicas. Essas condições apresentadas dialogam com situação trazida por Gliessman (2001, p. 599), apresentando uma definição para a agroecologia, reafirmando o que a professora anseia:

Agroecologia é a integração de pesquisas, educação, ação e mudanças que propiciam sustentabilidade para todas as partes do sistema alimentar: ecológica, econômica e social. Ela é transdisciplinar, pois valoriza diferentes formas de conhecimentos e experiências direcionadas para a transformação do sistema alimentar. Ela é participativa, pois requer envolvimento de todos os sujeitos, de agricultores até consumidores. Ela é orientada por ações, pois confronta estruturas econômicas e políticas do atual sistema alimentar através de estruturas sociais e ações políticas alternativas. Sua abordagem é baseada no pensamento ecológico, onde uma compreensão holística sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares em vários níveis se faz necessária.

A definição de Agroecologia trazida por Gliessman (2001), evidencia a dimensão, sua abordagem nas frentes às questões ecológicas, econômicas e sociais, reconhecendo que a sustentabilidade resulta da interação entre esses diferentes aspectos. Trazendo para o campo educacional, em escolas do campo, assumem um caráter transdisciplinar, que enaltece a participação de camponeses/as construção popular, dentro e fora das Instituições de Ensino. Desse modo, a Agroecologia alcança a dimensão política, ao incentivar formas de organização e ação coletiva capazes de fortalecer modelos de produção e de consumo mais justos, democráticos, fazendo com que sujeitos com saberes tradicionais sejam reconhecidos dentro das escolas como pessoas importantes para a sociedade.

Quando questionada sobre as experiências que estão sendo desenvolvidas na escola, e sugerido que argumentasse quanto a devolutiva das crianças a partir das propostas relacionadas com as práticas Agroecológicas. A professora fez a seguinte arguição.

A implementação de práticas agroecológicas em escolas pode ter um impacto significativo na educação das crianças, proporcionando-lhes uma compreensão mais profunda dos sistemas alimentares, do meio ambiente e da sustentabilidade. Embora estamos em fase inicial de implantação destas práticas na escola, mas já é visível a satisfação das crianças. (professora IB).

A reflexão trazida pela docente reafirma o que Pistrak (2018, p. 252) orienta, ao enfatizar que tudo se trata de “enraizar o hábito, já na escola, de fazer imediatamente aquilo que deverão fazer em grande escala no futuro”. Nesse sentido, é de suma importância o desenvolvimento da

proposta que vem sendo trabalhada na instituição de ensino, espera-se que os resultados sejam significativos, uma vez que a ação está em fase inicial e o envolvimento das crianças já é notável. A professora fez apontamentos relevantes, sobre novas atitudes dos/as estudantes a partir destas ações:

Conscientização ambiental: As crianças podem se tornar mais conscientes da conservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Elas aprenderão sobre a importância da biodiversidade, da preservação dos solos e da água, e como suas ações podem afetar o equilíbrio ecológico (...) A Conexão com a natureza: Através do envolvimento prático na produção de alimentos e da interação com plantas e animais, as crianças podem aprofundar uma conexão com a natureza. Elas podem apreciar a beleza da vida vegetal e animal e desenvolver um senso de responsabilidade para com ela. Alimentação saudável: Ao aprenderem sobre os princípios da agroecologia, as crianças podem compreender a importância de uma alimentação saudável e equilibrada. Elas podem aprender a apreciar a diversidade de alimentos cultivados organicamente e entender os benefícios para a saúde e o bem-estar. (professora IB).

A partir de todas as reflexões trazidas pela professora IB, percebe-se a busca de conexão com a natureza, além da valorização de uma saudável das crianças, que ao serem incentivadas, poderão estender seus conhecimentos adquiridos na escola com as comunidades onde residem. Assim, Leff (2013, p.203), reafirma que a:

complexidade ambiental não apenas leva à necessidade de aprender fatos novos (de maior complexidade), mas inaugura uma nova pedagogia, que implica a reapropriação do conhecimento a partir do ser do mundo e do ser no mundo; a partir do saber e da identidade que se criam e se incorporam ao ser de cada indivíduo e de cada cultura. (LEFF, 2010b, p. 203)

As reflexões trazidas reforçam que a educação voltada para as questões ambientais ultrapassa a condição de transmissora de conteúdos ambientais. Uma vez que se trata de um processo formativo que favorece a construção de valores, identidades e responsabilidades compartilhadas em relação ao ambiente e à vida em sociedade. Nesse sentido, a fala da professora IB evidencia que as práticas agroecológicas desenvolvidas no espaço escolar podem favorecer uma relação mais consciente das crianças com o meio em que vivem. Assim nota-se que há uma preocupação para o fazer educativo no fortalecimento da ideia de intensificar o processo de construção de novas ações pedagógicas. O relato da docente aproxima do que é trazido por Caldart (2017), quando afirma que

para organizar este estudo na escola é necessário decompor o complexo tecnológico da agricultura, identificando conteúdos que precisam ser apropriados. Além disso, é preciso pensar sua conexão com outros complexos, outras indústrias, identificando o que envolve como procedimentos técnicos, como conhecimentos tecnológicos, como conhecimentos científicos de base. (Caldart, 2017, p. 26).

A reflexão da autora contribui para compreender que trabalhar a agricultura no espaço escolar não significa apenas desenvolver atividades práticas de cultivo, mas criar possibilidades para que essas experiências sejam transformadas em conhecimentos, estabelecendo relações entre os aspectos técnicos, científicos e sociais presentes no cotidiano dos estudantes. Nessa perspectiva, as práticas agroecológicas podem constituir-se como espaços educativos capazes de aproximar o currículo da realidade vivenciada pelos sujeitos do campo. Ainda segundo a professora IB,

o envolvimento em práticas agroecológicas pode ensinar às crianças habilidades práticas, como plantar, cultivar, colher e preparar alimentos. Essas habilidades podem capacitá-las a se tornarem mais autossuficientes e confiantes em relação ao seu próprio bem-estar alimentar. Aprendizagem interdisciplinar: As práticas agroecológicas podem ser uma forma de integrar diferentes disciplinas curriculares, como ciências, matemática, geografia, história e educação ambiental. As crianças podem aprender sobre os ciclos da natureza, a matemática envolvida na medição de insumos agrícolas e até mesmo a história e a cultura relacionadas à agricultura. (professora IB).

A professora IB aponta suas percepções sobre o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva mais voltada para a consciência ambiental. Segundo (Hammel e Vasconcelos, 2025, p. 11) Podemos concluir que é fundamental que a agroecologia seja trabalhada na escola com os educandos, pois promove o pensamento crítico que permite reivindicar nossa cultura, nossa alimentação, nossa agricultura, resistir ao modelo capitalista e buscar a transformação social. Contudo a professora IB, afirma ainda que,

através da agroecologia, as crianças podem aprender sobre valores sociais importantes, como cooperação, respeito, solidariedade e justiça. Elas podem entender a importância de compartilhar recursos, trabalhar em equipe e tomar decisões que beneficiem a comunidade como um todo. É importante lembrar que a devolutiva das crianças pode variar individualmente, dependendo de fatores como idade, contexto cultural, experiências prévias e interesse pessoal. No entanto, geralmente, as práticas agroecológicas na escola têm o potencial de despertar o interesse e o engajamento das crianças, promovendo uma aprendizagem significativa e contribuindo para um futuro mais sustentável. (professora IB).

a partir das entrevistas, a professora JA, afirma que “As crianças estão motivadas, pois a agroecologia está ligada com as práticas diárias de uma grande maioria. A cada encontro percebemos empolgação e a bagagem de conhecimentos trazidas por cada estudante”. A entrevistada destaca a necessidade de ter “mais planejamento, investimentos e engajamento por parte dos envolvidos. Porém a vontade de dar certo faz com que consigamos superar as dificuldades”. Caldart (2017), afirma que a escola precisa se atentar para as realidades de cada

estudante, para assim fazer uma articulação dos conhecimentos do cotidiano, com os conhecimentos tecnológicos e científicos.

Com este mesmo raciocínio, a coordenadora AZ, ressalta em sua fala, a importância da presença de toda a comunidade escolar no desenvolvimento do projeto. Segundo a coordenadora AZ: “Para implantação de práticas agroecológicas de sucesso em uma escola, é importante seguir algumas etapas fundamentais como um plano estratégico que envolva toda a comunidade escolar, incluindo administradores, educadores, estudantes, funcionários e pais”. Outro ponto importante a ser aderido, é o processo de “capacitação e treinamentos para os educadores e membros da comunidade escolar, tendo a horta escolar como um espaço central para as práticas agroecológicas”. Dialogando com a perspectiva freiriana de que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 79).

Nesse sentido, de acordo com a coordenadora AZ, “as práticas sustentáveis promovem a valorização de sementes orgânicas e crioulas, rotação de culturas, compostagem e manejo”. Na sua análise “A transição para práticas agroecológicas exige uma mudança de mentalidade em relação à agricultura convencional e o sucesso das práticas agroecológicas em uma escola depende do envolvimento da comunidade local”. (Carvalho, 2012, p. 67) “que sintetizam as virtudes de uma existência ecologicamente orientada, que busca responder aos dilemas sociais, éticos e estéticos configurados pela crise socioambiental, apontando para a possibilidade de um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável”. A coordenadora afirma ainda que:

A devolutiva das crianças é uma parte essencial do processo de implementação de práticas agroecológicas na escola. Ao envolver os estudantes nesse processo, é possível colher diversos benefícios, como o desenvolvimento de habilidades práticas, o aprendizado sobre sustentabilidade e o aumento da conscientização sobre a importância da alimentação saudável e do cuidado com o meio ambiente. (Coordenadora AZ).

Nesse sentido, as condições apresentadas por pela Coordenadora AZ, permite compreender que a escola sustentável “é aquela que transforma seus hábitos e sua lógica de funcionamento, reduz seu impacto ambiental e se torna referência de vida sustentável para sua comunidade, ampliando seu escopo de ação para além das salas de aulas”, como é apresentado por Borges (2011, p. 6). Durante a pesquisa, coordenadora EF trouxe argumentações pertinentes sobre as concepções agroecológicas.

Desenvolver práticas agroecológicas na escola em que trabalho é um anseio da equipe pedagógica e gestão escolar, no sentido de aproximar a escola da comunidade e articular

os conhecimentos científicos com os saberes populares. De antemão, pensar essa proposta com base em um currículo urbanocêntrico<sup>6</sup> já é um dos principais desafios, haja vista que, essas práticas não estão integradas. (Coordenadora EF).

A fala percepção trazida pela Coordenadora EF permite compreender o quanto as ações agroecológicas são pontes para aproximar escola da comunidade, para Leff (2002, p.50), a Agroecologia será o arado para o cultivo de um futuro sustentável e haverá de articular-se a processos de transformação social que permitam passar da resistência à globalização à construção de um novo mundo. permite A professora IB trouxe a seguinte afirmação sobre uma das crianças do terceiro ano, envolvida no projeto Agroecológico que lhe procurou

Passados alguns dias da plantação de algumas hortaliças pelos estudantes e professora, após realizarem a visita e manutenção das hortas no espaço da escola, uma aluna veio até mim e comentou sobre a saúde do pai, em que o médico prescreveu além de medicações, a mudança nos hábitos alimentares, solicitando a este que fizesse o consumo de muitas folhas, legumes e frutas. A menina então prontamente falou sobre o desejo de ajudar o pai e pedindo, que se possível, ela gostaria de levar um pouco da alface produzida na horta da escola para oferecer ao seu genitor. Prontamente, propôs uma forma na qual todos da sala, em oportunidades diferentes, iriam poder levar para suas casas, o que era produzido na horta da escola e que este processo começaria hoje, sendo a referida aluna, a primeira contemplada a levar os produtos para sua residência por motivos do relato da doença de seu pai. Todos os colegas concordaram, e esta levou com muita alegria e satisfação, a sacolinha cheia de hortaliças. (professora IB).

Contudo, a partir da experiência das práticas agroecológicas na escola, com a devida mobilização/conscientização, é possível perceber os inúmeros benefícios para a comunidade escolar, seja no que tange aos conhecimentos adquiridos, bem como a colheita, literalmente dos frutos, plantados por suas próprias mãos. Nessa perspectiva, Leff (2002, p. 42) afirma que a Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências. A coordenadora EF salienta ainda que:

As crianças gostam demais das aulas ao ar livre, das aulas práticas, de cuidar das hortas, das galinhas, de vivenciar experiências de plantio, de cultivo, do contato com a natureza, de produzir materiais concretos, é visível a satisfação e a euforia delas em participarem desses momentos pois, cobram e questionam o tempo todo sobre que horário vão participar das atividades na horta, conforme relatos das professoras. Assim, penso que a aula expositiva contextualizada atrelada às atividades práticas, tendo como recursos materiais concretos promovem uma aprendizagem muito mais significativa, o que garante a consolidação do conhecimento com base nos sabres que as crianças já trazem de seu cotidiano ou até mesmo que aprenderam com seus ancestrais. (Coordenadora EF).

---

<sup>6</sup>O termo urbanocêntrico é aqui utilizado para se referir a uma visão de educação na qual o modelo didático-pedagógico utilizado nas escolas da cidade é transferido para as escolas localizadas nas zonas classificadas como rurais, sem que sejam consideradas as reais necessidades das populações desse espaço identificadas como campo.

Os relatos levam a perceber que Agroecologia como ciência consegue ser muito abrangente na capacidade de envolver as crianças, que se empolgam nos momentos práticos e até mesmo os/as funcionários/as que passam a entender a relevância do projeto na luta pela conscientização ambiental.

Desta forma, nota-se também, que a Agroecologia pode contribuir positivamente com relação a interdisciplinaridade, pois em conexão com a Educação do Campo, desconstrói a ideia de um ensino pronto e acabado, onde os sujeitos se tornam partes integrantes do processo tendo a sua cultura, a identidade e o seu território presente no processo de ensino e aprendizagem.

## DISCUSSÃO

As falas das professoras e coordenadoras permitem compreender que a construção de práticas agroecológicas no ambiente escolar ocorre de maneira articulada e não se restringe à realização de atividades como o plantio, o cuidado com a horta ou a criação de animais, abrangendo também processos de leitura, reflexão e vivências relacionadas à realidade dos estudantes. Os relatos evidenciam um movimento mais amplo de aproximação entre escola, comunidade, conhecimento científico e saberes construídos no cotidiano. Nesse sentido, entende-se que a Agroecologia, quando inserida no espaço escolar, assume também uma dimensão educativa e social, relacionada à maneira como os sujeitos compreendem o território onde vivem, estabelecem relações com ele e constroem conhecimentos a partir dessas experiências.

A preocupação das participantes com o envolvimento de professores, estudantes, funcionários, famílias e comunidade demonstra que, sem a consolidação de uma participação coletiva, a escola poderá encontrar limitações para sustentar um projeto dessa natureza. Portanto, mais do que uma dificuldade de caráter administrativo, essa realidade evidencia que a Agroecologia pressupõe uma construção coletiva, na qual diferentes conhecimentos, responsabilidades e experiências possam encontrar espaço no ambiente escolar. Além disso, deve-se considerar que a consolidação de um projeto dessa natureza demanda tempo, continuidade e envolvimento dos diferentes sujeitos que constituem a comunidade escolar.

Essa questão também se evidencia quando a professora IB relaciona os desafios para o desenvolvimento da Agroecologia à disponibilidade de recursos e à necessidade de mobilização da equipe escolar. Seu relato demonstra a existência de disposição para desenvolver as práticas

propostas, mas também evidencia que o interesse e a iniciativa dos profissionais, isoladamente, não são suficientes para assegurar sua continuidade. Dessa forma, torna-se necessário pensar em uma escola do campo capaz de projetar suas ações a partir de uma perspectiva agroecológica e que, simultaneamente, disponha de condições materiais, pedagógicas e políticas suficientes para corresponder à realidade e às necessidades de seus estudantes.

Outro aspecto que merece atenção é o fato de as participantes não apresentarem a Agroecologia como uma prática pronta ou definitivamente estabelecida. Ao contrário, seus relatos revelam um processo ainda em construção, marcado por avanços, dificuldades, aprendizagens e pela necessidade de continuidade das ações. Essa compreensão torna-se evidente quando a professora IB menciona a manutenção do projeto e a necessidade de envolver os estudantes na gestão das atividades. A Agroecologia, nesse contexto, não se restringe ao resultado final representado pela implantação de uma horta ou de outro espaço produtivo, mas se constitui no próprio processo de cuidar, observar, experimentar, aprender e reorganizar continuamente as práticas desenvolvidas.

Os relatos referentes à participação das crianças reforçam essa interpretação. A professora IB afirma que, embora as ações ainda estejam em uma fase inicial, já é possível perceber a satisfação dos estudantes diante das práticas desenvolvidas. A fala da professora JA segue na mesma direção ao destacar a motivação das crianças e a “bagagem de conhecimentos” que cada uma leva para os encontros. Esses relatos são significativos por evidenciarem que os estudantes não chegam à escola desprovidos de conhecimentos relacionados à agricultura, à natureza ou à alimentação. Ao contrário, trazem consigo experiências e saberes construídos nas relações estabelecidas com suas famílias e comunidades, os quais podem ser mobilizados e ressignificados durante o processo educativo.

É justamente nesse aspecto que a Agroecologia pode contribuir para a consolidação de uma Educação do Campo capaz de valorizar os sujeitos e seus territórios. Uma criança que reconhece as propriedades de uma planta, identifica elementos da cultura preservada por seus antepassados e compreende a importância do trabalho desenvolvido por seus familiares, assim como o cuidado estabelecido com a terra, traz para o ambiente escolar conhecimentos que não devem ser desconsiderados. Esses saberes podem, ao contrário, constituir pontos de partida para a construção de novas aprendizagens. Nessa perspectiva, a escola não precisa estabelecer uma oposição entre o conhecimento científico e os conhecimentos produzidos na comunidade, mas

criar possibilidades de diálogo entre eles, permitindo que sejam problematizados, contextualizados e ampliados no processo educativo.

A fala da coordenadora EF sobre a satisfação das crianças durante as atividades realizadas ao ar livre reforça essa percepção. Quando os estudantes demonstram interesse em participar das atividades da horta, cuidar das galinhas, realizar o plantio e produzir materiais concretos, evidencia-se que a aprendizagem não ocorre exclusivamente quando a criança está sentada diante de um quadro ou de um livro. As experiências práticas podem favorecer a curiosidade, estimular questionamentos e proporcionar novas possibilidades de compreensão dos conteúdos escolares, sobretudo quando relacionadas às experiências vivenciadas pelos estudantes em seu cotidiano.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade assume especial importância. As práticas agroecológicas proporcionam situações concretas que possibilitam trabalhar conhecimentos matemáticos, científicos, históricos, geográficos, linguísticos e ambientais sem necessariamente dissociá-los da realidade vivenciada pelos estudantes. A medição dos canteiros, a contagem das sementes, a observação do crescimento das plantas, a organização do espaço, o registro das transformações ocorridas e as discussões relacionadas à alimentação constituem exemplos de situações nas quais diferentes áreas do conhecimento podem ser articuladas. O relato da professora IB evidencia justamente essa possibilidade ao mencionar a integração entre Ciências, Matemática, Geografia, História e Educação Ambiental.

16

Observa-se, ainda, entre as participantes, uma preocupação relacionada à continuidade das ações. Nesse sentido, destacam-se a necessidade de formação dos profissionais, planejamento, investimentos e maior envolvimento da comunidade. Esses elementos demonstram que a implantação de um projeto agroecológico no ambiente escolar não se limita à criação de um espaço físico destinado à produção. Para que essas ações adquiram continuidade e significado pedagógico, torna-se necessário que a proposta seja incorporada ao projeto pedagógico e à própria concepção de educação defendida pela escola. Caso contrário, existe o risco de a Agroecologia permanecer restrita a atividades pontuais, condicionadas à iniciativa e à disponibilidade de determinados professores ou gestores.

Desse modo, a Agroecologia aparece nos dados desta pesquisa não apenas como uma forma diferenciada de produzir alimentos, mas também como uma possibilidade de repensar o próprio fazer educativo. Sua inserção no contexto escolar possibilita estabelecer diálogos entre

os conhecimentos científicos e os saberes populares, reconhecer as experiências construídas pelas famílias, valorizar o território e criar situações nas quais as crianças possam aprender a partir de problemas, conhecimentos e práticas presentes em seu cotidiano. Essa perspectiva aproxima-se dos princípios da Educação do Campo ao reconhecer que a escola não se encontra dissociada da vida, da cultura, do trabalho e das experiências dos sujeitos que a constituem.

Assim, mais do que produzir uma horta ou desenvolver atividades práticas isoladas, encontra-se em construção uma forma diferenciada de compreender as relações entre escola, território e conhecimento. As experiências relatadas pelas participantes demonstram que, quando a criança participa do plantio, acompanha o desenvolvimento dos alimentos, dialoga sobre alimentação com sua família, leva para casa aquilo que foi produzido coletivamente e estabelece relações entre essas experiências e os conteúdos escolares, a aprendizagem passa a assumir um significado que ultrapassa os limites físicos da sala de aula. É nesse movimento de aproximação entre o conhecimento escolar, os saberes construídos no território e a vida cotidiana dos estudantes que a proposta agroecológica pode encontrar uma de suas principais potencialidades educativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

17

Percebe-se que a proposta de educação desenvolvida pela instituição de ensino, embora esteja em fase inicial, pode se tornar um projeto piloto para inspirar mais pessoas que trabalham na escola, assim como a comunidade e outras instituições de ensino. Diante das considerações abordadas pelas entrevistadas nota-se que são muitos os desafios enfrentados diariamente para a concretização de um ensino que possa trazer aspectos além do que é proposto pela grade curricular, a qual atende apenas os interesses do capital.

A partir das devolutivas com a pesquisa, entende-se que o primeiro passo no desenvolvimento do projeto na escola foi iniciar o plantio de plantas frutíferas e hortaliças no espaço escolar, o que tem sido um fator primordial para o envolvimento das crianças e da comunidade. Acredita-se que o principal gargalo enfrentado é a falta de incentivos financeiros, pois diante do cenário que a instituição vivencia, isso têm influência direta no fortalecimento do projeto, uma vez já vem ocorrendo o envolvimento da equipe nesse trabalho.

Portanto, percebe-se que a vem sendo trabalhada a construção do processo de ensino reflexivo que busca protagonizar os sujeitos das comunidades, seus costumes e práticas. Desta

forma, a Escola Municipal Maurício Gumes vem caminhado para uma concretização representativa da proposta da Agroecologia na perspectiva de Educação do Campo, pois o primeiro passo já foi dado e o engajamento está acontecendo. Nesse sentido, aos poucos a comunidade vem se inserindo na instituição, à medida que os seus costumes e práticas estão sendo protagonizada nestes espaços de trocas de saberes.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, VPA. Educação Ambiental como proposta reflexiva da realidade. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. 75p.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 08 jun. 2023.

BORGES, Carla. O que são espaços Educadores Sustentáveis. Espaços Educadores Sustentáveis. Tv Escola/ Salto Para O Futuro. Ano XXI Boletim, p. 11-16, jun. 2011.

CALDART, R. S. **Caminhos para a transformação da escola:** trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 18

CALDART, RS. EDUCAÇÃO DO CAMPO: In: CALDART, RS et al (Org.) Dicionário da Educação do Campo. 2 Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-266.

CARNIATTO, I. et al. Educação Ambiental: Fomento para a Gestão Integrada de Bacias Hidrográficas. Educação ambiental rumo à escola sustentável / Org. Denise Estorilho Baganha, Eliane do Rocio Vieira, Rosilaine Durigan Mortella, Maria Arlete Rosa. – Curitiba: SEED: UTP, 2018.

CARVALHO, I. C. de M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001

GOODE, WJ.; HATT, P. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1979.

HAMMEL, Ana Cristina; VASCONCELOS, Ana Catarina. Agroecologia na escola: a experiência do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak e da Escola Itinerante Herdeiros do Saber. *Divers@!:* Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5380/diver.v18i1.100062>.

LEFF, Enrique. Discursos Sustentáveis. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. Tradução: Francisco Roberto Caporal. In: Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: Emater/RS, vol 3, n. 1, jan-mar 2002.

MARINHO, DL. Rompendo cercas e construindo saberes: a juventude na construção da educação profissional do campo no Sul e sudeste do Pará. Recife: Imprima, 2016.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 324-330.

PISTRAK, M. M. Fundamentos da escola do trabalho. Tradução: Luiz Carlos de Freitas. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 288p.

QEDU. EM MAURICIO GUMES. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/29243270-em-mauricio-gumes/ideb>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, HO.; BEZERRA, RD. A importância da educação ambiental no âmbito escolar. Revista Interface. Edição n. 12, dezembro de 2016.

TRIVIÑOS, ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.